



PARA OBTER GANHOS, ESPECIALISTAS ADMITEM A NECESSIDADE DE CORRER ALGUM RISCO E RECOMENDAM COMBINAR APLICAÇÕES CONVENCIONAIS COM OUTRAS MENOS USUAIS. NA BOLSA DE VALORES, INDICAÇÕES APONTAM PARA AÇÕES DE EMPRESAS VOLTADAS PARA CONSUMO

# O desafio da diversificação

Professor da Fundação Getúlio Vargas e especialista da consultoria FCE em diversificação de investimentos, Gyorgy Varca também acredita que o investidor terá que sair da zona de conforto e procurar opções novas, tais como os FDIC – fundos lastreados em direitos creditórios – para obter mais retorno. Mas alerta sobre a importância de se informar, previamente, sobre os títulos em que são feitas as aplicações.

“Hoje, até para se proteger, o aplicador tem que correr riscos e procurar calçar suas escolhas com uma boa assessoria e a disposição de monitorar seu dinheiro,” diz Ricardo Corrêa, da Corretora Ativa. “O olho do dono engorda o gado,” é o ditado da moda para os especialistas.

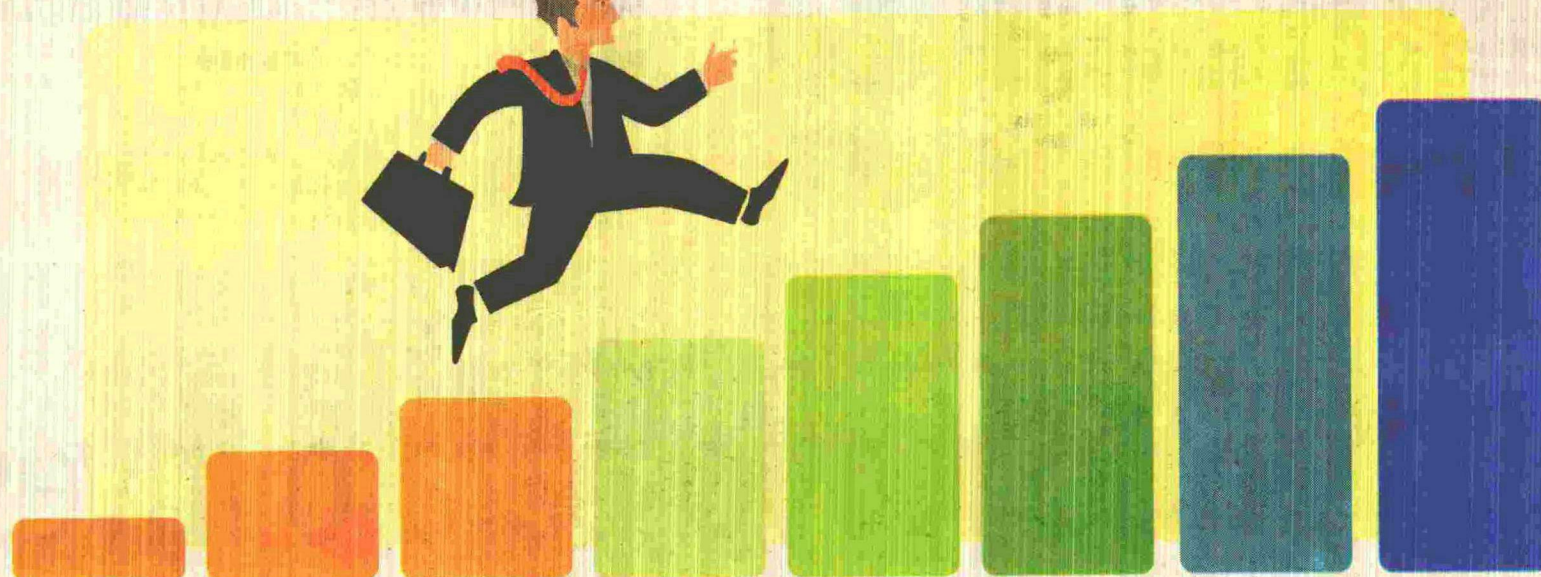
Para Gyorgy Varca, o desafio adicional para o aplicador é que o cardápio oferecido pelo mercado financeiro ainda é limitado. Ele diz que as taxas de administração também não fazem jus ao cenário atual. “Uma taxa de 2% para um fundo de renda fixa não era nada quando o juro era de 20%. Agora que o juro é 7,5%, come boa parte do ganho líquido no ano”, diz.

**Mercado interno** - A instabilidade internacional, por sua vez, impõe um alerta para quem vai investir na Bolsa de Valores. Não por acaso, o analista-chefe da Walpires Corretora, Leandro Martins, foca suas indicações nas ações de empresas fortes no mercado interno, como AmBev e Brazilian Foods, holding de Sadia e Perdigão. “A conjuntura externa levou a AmBev a ultrapassar a Petrobras em valor de mercado”, destaca. Na mesma linha, Ricardo Corrêa avalia que o cenário para empresas exportadoras recomenda cautela.

Para diversificar sem correr risco excessivo, a opção recomendada é o Fundo de Investimento Imobiliário (FII), que oferece rentabilidade superior à inflação e às ações e está isento do IR, embora seja um ativo de renda variável, sujeito a oscilações.

“É da índole dos brasileiros, de todas as origens e classes sociais, pensarem em aplicar em imóveis logo que fazem alguma poupança. Se sentem protegidos”, salienta Julianio Cornacchia, da PMKA Advogados. O fundo oferece o benefício pela valorização do imóvel, com exemplos de retorno expressivo. Dados da Bovespa indicam que o número de aplicadores nos fundos imobiliários triplicou desde janeiro de 2011, chegando a 60 mil.

A comodidade é outro ponto a favor das aplicações nesses fundos. “Prestadores de serviços acompanham a rotina de administração dos imóveis”, esclarece Cornacchia. O crescimento das captações levou ao surgimento de oportunidades inclusive para poupadores de reservas mais modestas. O Fundo Imobiliário da Caixa Econômica, por exemplo, apresentava cotas de R\$ 2 mil, valor palatável para a boa parte da classe média brasileira.



## → COMO INVESTIR | OPÇÃO DEVE SER FEITA DE ACORDO COM O MONTANTE DISPONÍVEL

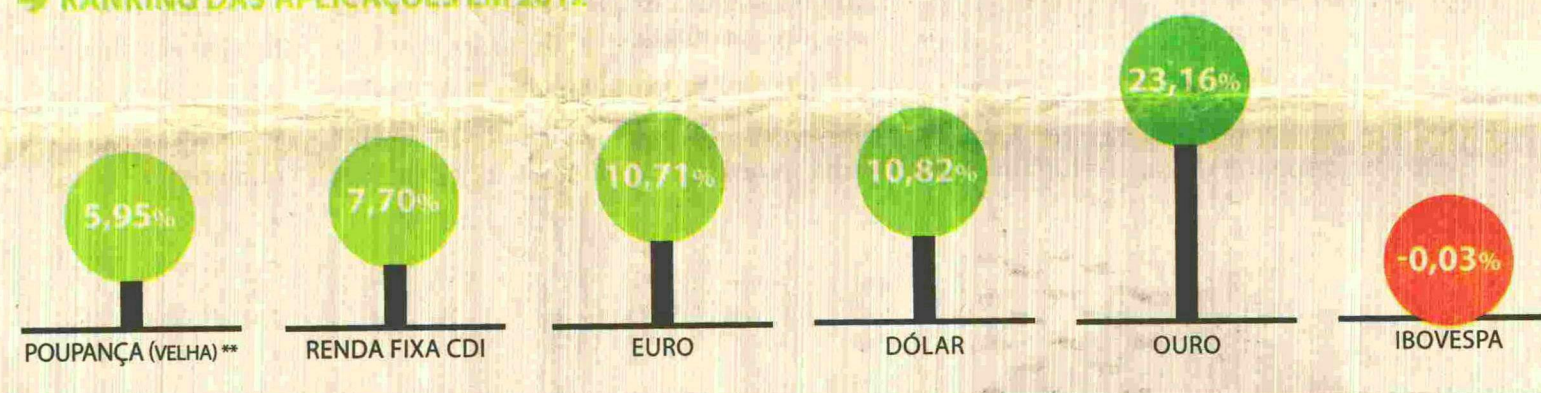
**Alternativas de aplicação conforme os valores disponíveis** - Numa coisa os especialistas convergem. Não há receita de bolo ou fórmula mágica quando o assunto é investimento. O primeiro aspecto a levar em conta é o montante que o candidato a aplicador consegue poupar sem ficar no aperto. Ricardo Corrêa, da Ativa Corretora, lembra que o passo inicial é se livrar de todas dívidas, em particular as de custo mais alto, como cheque especial e cartão de crédito. Feita essa faxina, aí sim é o momento de escolher as aplicações. Em todos os casos, é necessário sempre respeitar o perfil de risco e tributário do investidor.

ATÉ R\$ 1.000	ATÉ R\$ 5.000	ATÉ R\$ 10.000	ACIMA DE R\$ 10.000
→ ATÉ ESSE VALOR, O INDICADO PARA O INVESTIDOR É A CADERNETA DE POUPANÇA.	→ ALÉM DA POUPANÇA, VALEM OS FUNDOS DE INVESTIMENTO (considerando que este investidor detenha conhecimentos medianos sobre aplicações).	→ SUPONDO QUE O INVESTIDOR DETENHA CONHECIMENTOS, O INDICADO É O TESOUREIRO DIRETO.	→ FUNDOS MULTIMERCADO, TESOUREIRO DIRETO E AÇÕES.

Fonte: Silvío Paixão, Professor de Finanças da FIPECAFI (Fundação Instituto de Pesquisas Contábeis, Atuariais e Financeiras).

## → RANKING DAS APLICAÇÕES EM 2012 \*

\* Base 26/11 \*\* Base 30/11 - Fonte: Economática



## → AS RECOMENDAÇÕES PARA 2013 | LEANDRO MARTINS • analista-chefe da corretora Walpires

**Qual a carteira ideal para uma estratégia conservadora, mais cautelosa, de investimentos para 2013?**

Titulos públicos atrelados à inflação, como os que são indexados pelo IGP-M, e ações de empresas de consumo como Ambev e Brasil Foods.

**Qual a proporção de renda fixa dessa carteira hipotética? E qual a aplicação de renda fixa**

**mais imune a sustos?**

Pelo menos 60% dos investimentos devem ser feitos em títulos públicos atrelados à inflação, para defender o investidor de oscilações bruscas.

**Que fator de risco deve ser priorizado na análise de oportunidades para o ano que vem?**

Risco de crédito (atraso de pagamento, inadimplência) e de mercado.

**Qual a proporção de renda variável deve constar dessa carteira? E quais os melhores instrumentos?**

O investidor deve concentrar pelo menos 40% da sua carteira em ações de empresas de consumo. O foco deve ser o mercado interno

**Quais as melhores opções para reduzir riscos inerentes a aplicações em renda variável?**

Utilização da análise técnica e stop (fixação de piso a partir do qual as aplicações são resgatadas, para evitar perdas maiores).

**Supondo uma pessoa com uma situação mais estável financeiramente, e metas de acumulação de longo prazo. Nesse caso, é possível pensar numa estratégia um pouco mais ousada?**

Sim, com ações de outros setores.